

água salgada

Juliana Maffeis*

*É escritora e arte-educadora. Licenciada e mestranda em Letras, na área de Escrita Criativa, pela PUCRS/CAPES. É autora de Solitária Companhia de Teatro, publicado pela Patuá, em 2017. E-mail: maffeisjuliana@gmail.com.

I

Natural, Helena não consegue ser. Em meio ao povo, ela olha para todos lados antes de respirar espaçadamente e engolir a saliva devagar. Respirando fundo, ela pensa em tons pastéis, de pouca vibração, para contrastar com as batidas cardíacas que aceleram o peito sem aviso prévio. Disfarçar crises de pânico dentro de coletivos lotados tornou-se atividade corriqueira em sua vida e, ultimamente, ela se deteve em criar métodos para agir com relativa segurança nestas situações.

II

Bem que Helena tenta guardar seu coração num aquário tranquilo, lugar adequado para um nado civilizado, de poucas surpresas, expectativas comuns, termômetro de vidro, ciclagem precisa. Nada acontece assim. A coisa vem de repente, vibrando o peito, molhando as mãos, secando a boca. Helena constituiu, para conviver com a coisa, a lei do mal menor (juntamente a instrumentos de remota tranquilidade).

III

A coisa – como ela melhor define a sensação e seu estado dramático – ocorre em outros momentos ou lugares, porém, no ônibus é onde ela se intensifica. Aquela sensação de não ter pra onde correr mata Helena aos pouquinhos. A ideia do ônibus não ser exatamente um lugar, mas o corpo de um dragão de recheio humano que cospe gente a cada

esquina assombra Helena.

IV

O esquema que ela elaborou inicia no ponto de partida, na espera pelo ônibus: 1. tomar apenas ônibus em que se enxerguem, de fora, assentos vazios; 2. estes assentos vazios devem estar localizados ao fundo do carro (próximo a saída); 3. as janelas devem estar abertas (ar condicionado é imensamente dispensável); 4. as pessoas sentadas próximas devem ter o semblante acolhedor. O último item é o mais complexo. Estes requisitos são analisados segundos após passar a roleta e cumprimentar o cobrador com um sorriso nervoso que perdura nos lábios por quase toda a viagem. Ao sentar em um banco duplo e vago sempre questiona se deve ficar ao lado da janela ou do corredor. A janela oferece a brisa; o corredor, acesso livre caso a coisa venha com vigor. Sentada ao seu lado, independente do lugar escolhido, a dúvida se acomoda durante a toda a viagem.

V

Para ocupar o tempo, Helena carrega na bolsa os instrumentos de remota tranquilidade. Estas ferramentas devem oferecer algum tino em meio a sua situação periclitante relacionada a algumas partes do seu corpo: a boca, mais especificadamente, a língua; as mãos e os pés. Os utensílios são comuns, mas para ela, necessários: 1. bala de menta ou hortelã; 2. bala de textura macia, como goma ou *setebelo*. 3. garrafa de água em temperatura ambiente; 4. música instrumental em volume baixo nos fones de ouvido; 5. livro dos abraços para pequenas grandes reflexões quando a cabeça

permite. Na maioria das vezes, este carregamento pouco lhe serve. Nada tão mecânico e pensado faz a coisa passar, o que ameniza é saltar do coletivo e procurar uma árvore. Isso sim. Uma árvore grande de raiz pesada. À noite pode ser perigoso, de dia poucas vezes acontece. O sol a protege de si mesma.

VI

Helena vem sido curtida pelo pânico. Já sabe quando vai acontecer, mas não consegue se defender. Antes de sair de casa, o plano mental se constrói debaixo do chuveiro, onde esquematiza todas as possibilidades de trégua. Veste-se com roupas leves, algodão impera. Sapato fechado nunca mais calçou. Meias (grudam na pele e causam agonia) só em dias muito frios. Helena cobre seu corpo com algumas camadas finas, pois quando a coisa vem, traz com ela um calor descabido, sem se preocupar com estação. É um calor certo, sabe bem se anunciar como quem diz: não venho sozinho, você já me conhece. Sucede o tremor generalizado, o coração que extrapola o peito, a tensão dos pés cobertos versus a vontade de fincá-los na terra; as pontas dos dedos das mãos que vertem água salgada como um chafariz marítimo e o pior: o peso da língua que força o maxilar abre a boca para refrescar a garganta, mas acaba ressecando tanto que faz a garganta sangrar.

VII

A língua, como um organismo independente do corpo de Helena, toma a forma de um peixe que

nasce morto e toma vida devagarinho, roçando as nadadeiras na parte interna das bochechas, intensificando a coceira, a ânsia de vômito e o medo de que alguém do ônibus descubra seu segredo: um peixe guardado na boca. É preciso cerrar os lábios, lutar contra a força do maxilar que insiste em deixar a boca aberta. As mãos separadas uma da outra devem manter-se assim, pois caso se encontrem são capazes de inundar o carro de suor em poucos segundos. O coração pra lá e pra cá dentro do corpo: foge do peito bate na barriga que salta pro braço que salta pro outro que bate no pescoço que salta pra cabeça que volta pro peito que cai pelas pernas e volta pro estômago. É chegada a hora de saltar do ônibus. Helena entende a viagem como destino.

VIII

Quando chega neste ponto, todos os instrumentos de tranquilidade perdem a serventia (ainda que não tenham sido úteis). Colocar uma bala na boca era incitar o duelo com o peixe, que considera fresca doce feito confeito. Helena sabia que era o momento certo de procurar uma árvore. Fitou as ruas de poucas pessoas e, ao encontrar, acelerou o passo. Ao lado da figueira, agachou-se e passou a ensaiar técnicas de respiração para relaxamento que eram interrompidas pelas rabanadas do peixe que, nessa altura, já estava impaciente com o breu da boca fechada. Helena tentava manter o controle e a discrição, era como parir em público, porém, com pouca piedade nos olhos dos outros. Entrelaçou os dedos das mãos firmemente, como fios que formariam um resistente tecido e viu jorrar o suor das pontas dos dedos, inundando a mão em forma de concha. Helena se debruçou sobre as mãos e abriu lentamente a boca, mirando o peixe como um cuspe para dentro do

ninho suado. Fez barulho ao entrar na água. Helena projetou sua vida nele. Quis transformar-se naquele escamoso bicho de poucas ambições. Peixe que busca água. Água salgada.

IX

A coisa passava logo depois da vertigem. As mãos secavam, o peixe se debatia por uma sobrevida. Helena compadecida chorava sobre ele, que calminho-calminho parecia dormir na palma de sua mão. Para retornar, Helena o colocava debaixo de sua língua, tomava um gole de água mineral, secava as mãos na calça de algodão e seguia até o ponto de ônibus mais próximo, cansada do parto e impotente como mãe de um filho morto. No fundo do mar, Helena também quer habitar a boca de um peixe.